



CONCURSO PARA O HINO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE - 2014

*Brasília, 13 de dezembro de 2012
ML-C-Nº1074/12*

Prezado(a) compositor(a)!

Com alegria e expectativa, a CNBB está lançando o ***Concurso para o Hino da Campanha da Fraternidade de 2014***. Por decisão dos bispos do Conselho Episcopal de Pastoral (CONSEP), o concurso será realizado em um único edital, letra e música, simultaneamente, podendo haver parceria de letristas e músicos.

Tema e lema da CF de 2014

Tema: FRATERNIDADE E TRÁFICO HUMANO

Lema: “É PARA A LIBERDADE QUE CRISTO NOS LIBERTOU!” (Gl 5,1)

1. Características da letra do hino

- Que traduza em linguagem poética os conteúdos do tema, lema, objetivos e demais indicativos de reflexão (conferir ANEXOS II e III);
- Que tenha uma profunda linguagem poética, evitando explicitações desnecessárias, moralismos ou chavões;
- Que apresente um caráter convocativo: Os fiéis serão convocados para a adesão ao que se propõe a Campanha da Fraternidade. É Deus quem convoca sua Igreja, seu povo, para este engajamento concreto da fé;
- Um embasamento bíblico: A referência bíblica é fundamental, pois ela orienta a vida e a história do povo, e confere sólidos fundamentos para o texto poético;
- A coerência entre fé e vida: Contemplar a unidade fundamental entre fé e vida, evitando intimismos ou sentimentalismos exagerados;
- A esperança de um mundo novo, “um novo céu e uma nova terra...” (cf. Ap 21, 1-7). A força do texto deverá reavivar a esperança, a criatividade, o compromisso cristão. Uma mensagem que ajudará o povo de Deus a pôr-se em marcha;
- Tenha em todas as estrofes o mesmo número de sílabas e de acentos, ou seja, uma métrica regular e fluente;
- Tenha alguma forma de rima, embora possam ser usados versos livres. Contudo, a rima, quando bem utilizada, facilita a execução e a memorização do canto.

2. Características da música

- Caráter vibrante, vigoroso, e convocativo. Este caráter tem a ver com o ressoar de “trombetas e clarins” (cf. Sl 47, 6; 98, 5-6);
- Melodia e ritmo fluentes, acessíveis a qualquer tipo de assembléia;
- Força melódica e rítmica eficazes para a dinamização das potencialidades individuais e grupais;
- Realce bem o sentido da letra. Antes de pensar na composição, o(a) autor(a) deverá estudar bem a letra e observar os acentos tônicos (fortes) das palavras para que haja uma correspondência natural com os tempos fortes da melodia. Quando as sílabas não acentuadas (átonas) coincidem com os tempos fortes de cada compasso, a palavra fica deformada (por exemplo: terrá, horá, vamós...);
- Seja fluente, simples, porém, bela. A tessitura média das notas musicais deve-se acomodar entre o “dó 3” (dó central do piano ou órgão) e o “dó 4” (uma oitava acima);
- Tenha pausas de respiração suficientes e nos momentos certos. É bom que haja uma breve respiração no final de cada frase do texto;
- Seja construída a partir da escala diatônica. Sejam evitados cromatismos exagerados (semitons sucessivos) e intervalos de difícil entoação;
- Seja artística, fugindo dos “chavões e clichês” já conhecidos e por demais gastos;
- Tenha características da genuína música brasileira (por exemplo, da etnomúsica religiosa).

3. Apresentação da composição

- Esteja escrita em pauta, com a indicação dos acordes (cifras) para o acompanhamento instrumental. As melodias que não vierem anotadas na pauta, automaticamente, não serão submetidas ao concurso.
- Esteja gravada em CD, com ou sem acompanhamento instrumental.

4. Prazo

As composições sejam enviadas à CNBB até o dia 29 de abril de 2013, trazendo apenas o pseudônimo (nome de fantasia) do(a) autor(a), no remetente. Dentro da correspondência, num envelope fechado, estejam o nome verdadeiro do(a) compositor(a), junto com o termo de Cessão de Direitos Autorais (Cf. ANEXO I), preenchido e assinado, para o seguinte endereço:

CNBB (Setor Música Litúrgica)
SE/Sul, Q. 801, Conj. “B”
70200-014 - BRASÍLIA - DF

Um Bom trabalho!

Dom Leonardo Ulrich Steiner
Secretário Geral da CNBB

Pe. Luiz Carlos Dias
Secretário Executivo da CF

Pe. José Carlos Sala
Assessor da CNBB para a Música Litúrgica

ANEXO I

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2014

Tema: FRATERNIDADE E TRÁFICO HUMANO

Lema: “É PARA A LIBERDADE QUE CRISTO NOS LIBERTOU!” (Gl 5,1)



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

Termo de Cessão de Direitos Autorais Patrimoniais

NOME					
RG		CPF			
ENDEREÇO		Rua	Número		
Bairro	Caixa Postal	CEP			
Cidade	Estado	E-mail			
TELEFONE		FAX			
<i>Por meio deste termo, cedo à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) com sede em Brasília-DF, no SE/SUL - Quadra 801 - Conj. “B” (CEP) 70401-900, inscrita no Cadastro de Contribuintes sob o número 33.685.686/001/50, os direitos autorais patrimoniais da(s) minha(s) música(s) para a Campanha da Fraternidade.</i>					
_____, ____/____/____ Cidade, data			_____ Assinatura		

ANEXO II

Tema: Fraternidade e Tráfico Humano

Lema: “É para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1)

Objetivo geral:

Identificar as práticas de tráfico humano em suas várias formas e denunciá-las como violação da dignidade e da liberdade humanas, mobilizando cristãos e pessoas de boa vontade para erradicar este mal com vista ao resgate da vida dos filhos e filhas de Deus.

Objetivos específicos:

- 1 – Identificar as causas e modalidades do tráfico humano e os rostos sofridos por esta exploração;
- 2 – Celebrar o mistério da morte e ressurreição de Jesus Cristo, sensibilizando para a solidariedade e o cuidado às vítimas desse mal;
- 3 - Suscitar, à luz da Palavra de Deus, a conversão que conduza ao empenho transformador desta realidade aviltante da pessoa humana;
- 4 - Denunciar as estruturas e situações causadoras do tráfico humano;
- 5 – Promover ações de prevenção e de resgate da cidadania dos atingidos;
- 6 – Reivindicar, aos poderes públicos, políticas e meios para a reinserção das pessoas atingidas pelo tráfico humano na vida familiar, eclesial e social.

ANEXO III

TRÁFICO DE PESSOAS E TRABALHO ESCRAVO: LUGAR TEOLÓGICO, EXIGÊNCIA ÉTICA, MISSÃO DA IGREJA

Élio Estanislau Gasda¹

Refletir teologicamente sobre o tráfico de pessoas é uma tarefa exigente. O sofrimento gerado pelo escândalo do mal faz emudecer a teologia (Metz). Mas a dor tem tanto direito à expressão como o torturado ao grito. A teologia torna-se linguagem do inaudível, do não-dito (Levinas). O sofrimento humano é também uma pergunta dirigida a Deus, misericórdia absoluta. Somente é possível refletir teologicamente diante do sofrimento porque Deus sofre com os sofredores.

Todo pensamento situa-se em algum lugar e nasce de algum interesse: tem uma perspectiva, um *para que* e um *para quem*. As vítimas do trabalho escravo e do tráfico de pessoas são a perspectiva, o lugar e o interesse deste texto. Uma exigência que brota da Revelação de Deus e pela indignação diante de uma realidade cruel, em que o injusto se tornou desumano.

A reflexão está organizada em três partes interconectadas. A primeira destaca as origens teológicas do problema em questão: as estruturas de pecado e a idolatria. A segunda aborda as origens da ética cristã: o clamor das vítimas do pecado do mundo. A última parte reflete os aspectos fundamentais da missão da Igreja em defesa dos humilhados e ofendidos.

RAÍZES TEOLÓGICAS

Consequências de um sistema estruturado no pecado

O tráfico de pessoas e o trabalho escravo constituiu o cerne de sofisticados sistemas econômicos pré-capitalistas. A civilização babilônica, greco-romana e grandes áreas do Oriente, estavam apoiadas em sistemas de produção escravagista. Adentrando o século XIX, enclaves econômicos coloniais espalhados por todo o mundo continuaram sustentando o tráfico de pessoas e a escravidão, momento mais cruel da história da humanidade. Atualmente, são espelho das mazelas do capitalismo global. Esta prática criminosa hedionda, mas organizada, estendeu-se por todo o mundo². Suas proporções levaram a ONU a aprovar o Protocolo da Convenção Contra o Crime Transnacional Organizado com ênfase no Tráfico de Pessoas. Não bastasse a exploração sexual e laboral, o avanço da biociência e das comunicações, traz o risco da utilização de seres humanos para a comercialização de órgãos por parte do assim chamado crime organizado. Estima-se que 700 mil mulheres e crianças são traficadas passando todos os anos pelas fronteiras internacionais. Isso sem contabilizar o tráfico interno, no interior de cada país³. A indústria e o mercado do sexo intensificaram-se nos últimos anos a partir de quatro atividades: prostituição, tráfico, comércio de mulheres e pornografia. Portanto, sem uma leitura política da realidade é impossível uma aproximação coerente a esta tragédia. Não é uma questão que se esgota em si mesma. Está estreitamente conectado com mecanismos globais derivados de uma estrutura política e econômica alicerçada na injustiça e na violência. Uma das muitas formas de violência contra os indefesos, como afirmaram os bispos no Sínodo de 1971, *A Justiça no mundo*. Nele, a

¹ Professor de Ética e Teologia na FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Belo Horizonte). Doutor em Teologia pela Universidade Pontifícia de Madri. Publicou: *Fe cristiana y sentido del trabajo*. Madrid: Paulus, 2011; *Trabalho e capitalismo global: atualidade da Doutrina Social da Igreja*. Paulinas, 2011.

² É 'crime organizado', ou seja, atividade criminosa praticada sistematicamente de maneira planejada com finalidade lucrativa: atividade empresarial, divisão do trabalho, gestão hierárquica, normas, disciplina, punições, infiltração estratégica em bancos, governos, sistema judiciário, polícia e no sistema político.

³ UNODC - Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime. Devido à natureza oculta deste crime, é difícil chegar a números precisos do volume de vítimas. As estimativas da UNESCO para o ano de 2008 apontam entre 500 mil a 2 milhões: UNESCO, Trafficking Statistics Database, Data comparisons sheet # 1, www.unescobkk.org. (consultado 2 de março de 2012).

Igreja chamava a atenção para as contradições internas desta civilização. “É preciso superar os sistemas e mecanismos injustos e internacionais de dominação”. Na mesma linha, a *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II, denunciava que o *Luxo pulula junto à miséria* (GS 63, 3).

A institucionalização da injustiça mundial é definida teologicamente como *situação de pecado*. O documento de Medellín (1968) afirma que “ao falar de uma situação de injustiça nos referimos às realidades que expressam uma situação de pecado” (Medellín, doc. Paz, 1). Para os bispos latino-americanos reunidos em Puebla, estamos diante de um *mecanismo perverso que provoca e sustenta uma situação de pecado* (Puebla, 1135). Para João Paulo II, o mundo contemporâneo vive sob o domínio da injustiça e de um sistema alicerçado em “estruturas de pecado” (*Sollicitudo rei socialis*, 36)⁴. As causas das desigualdades sociais e do aumento da pobreza devem ser buscadas nos “mecanismos econômicos, financeiros e sociais” (*Sollicitudo rei socialis*, 16). Tais estruturas estão ainda mais reforçadas, agravando ainda mais a dramática situação dos mais pobres (*Centesimus Annus*, 35, 56). Não é objetivo de o capitalismo satisfazer as necessidades humanas mais elementares e resolver o problema da pobreza (*Centesimus Annus*, 40).

O pecado foi formulado pela teologia Joanina como assassinato e mentira (Jo 8, 44) e, nesta ordem, entendido por Paulo, como oprimir a verdade e agir com arrogância diante de Deus. O *pecado do mundo* (Jo 1,29; 15,18) encarnado em tais estruturas, rompe com qualquer possibilidade de humanização: Há uma elite triunfante e exibicionista, que trafega em seus jatinhos, banqueiros, empresários, senhores da mídia que deram as costas aos milhares de seres humanos empurrados para os vales da morte do capitalismo. Aí se escondem os crimes mais cruéis contra a vida humana, como a escravidão e o tráfico de seres humanos.

O capitalismo sustenta esta máquina de pilhagem de miseráveis com a indiferença da sociedade e a cumplicidade do sistema financeiro. Ao aceitar o dinheiro do tráfico, os bancos se omitem ante o terror imposto a pessoas indefesas. É dinheiro sujo procedente de bordéis, masmorras, carvoarias, mansões, fábricas tailandesas, garimpos de Serra Leoa, do algodão das *lingeries* da Victoria's Secret, das grifes da Zara, dos *tablets* da Apple/Foxconn *made in China*, etc. São *dólares de sangue extraído de reféns* dos criminosos vorazes cujo poder está longe de esgotar-se. Encobrimento comum – porém real – é o fato de que os agentes dessa crueldade sejam organizações e instâncias, muitas vezes, aceitas no mundo. A que tribunal se pode pedir conta da cumplicidade dos paraísos fiscais e dos grandes bancos?

O capitalismo serve-se dos miseráveis para aumentar seu poder, transformando milhões de seres humanos em mercadoria. Em nome do lucro, se negociam pessoas. É o princípio da acumulação ilimitada a todo vapor. Quanto mais os traficantes enriquecem, mais se empenham em traficar, mais querem aumentar suas contas na Suíça, Bahamas, Caribe, Londres e *Wall Street*.

São pecados gerados pela idolatria

Na raiz do tráfico de seres humanos e do trabalho escravo está a idolatria. O pecado mortal do capitalismo não é o ateísmo, mas a idolatria. A civilização do século XXI é profundamente idolátrica, seja na economia, como na cultura e na política: “A riqueza absolutizada é obstáculo à verdadeira liberdade” (Puebla, 494). Paul Lafargue, genro de Marx, escrevia num panfleto de 1886 intitulado *A religião do capitalismo*, que “o capital é o deus que todos conhecem, veem, tocam, cheiram, provam; existe para todos os nossos sentidos. É o deus que ainda não encontrou ateus”⁵.

Na Bíblia, a idolatria aparece como pecado gerador de outros pecados⁶. Por isso Javé exige desprezo e rejeição radical de *outros deuses - élohim ajerim* (cf. Ex 20,3-4; 34,13; Dt 5,7-8; 27,15). Adorar realidades criadas no lugar de Deus (cf. Is 10,11; Jr 9,13ss.; Ez 8,17ss.) é o mais grave dos pecados e a maior das imbecilidades (Os 8,4ss; 13, 2; Jr 14,22; Is 40, 12ss, etc.).

⁴ Puebla (1979) considera como situação de pecado o enorme abismo entre ricos e pobres (28) originada por estruturas sociais, políticas e econômicas injustas (1155) “que obstaculizam a passagem de situações menos humanas a mais humanas” (16). Puebla qualifica como estruturas de pecado aos fatores causadores de miséria, um autêntico escândalo para fé cristã e que, por isso, devem ser superadas (28). A Assembleia do Sínodo sobre *Reconciliação e Penitência* (1985) também trata do pecado social e o pecado estrutural.

⁵ LAFARGUE, Paul. *A Religião do Capital*. Rio de Janeiro: Achiamé, s/d (original de 1886), s/d, p. 16.

⁶ Para uma análise dos textos bíblicos sobre a idolatria veja-se o excelente estudo de Pablo RICHARD, *Nossa luta é contra os ídolos*, em: VV.AA. *A luta dos deuses: os ídolos da opressão e a busca do Deus Libertador*. São Paulo: Paulinas, 1985. 9-38.

Para Jesus, o ídolo é uma realidade histórica concreta, o *dinheiro* (Mt 6, 24; Lc 16,13). Converter o dinheiro em poder supremo significa negar radicalmente ao Deus da vida (Cl 3,5). O apóstolo Paulo ensina que, por trás da idolatria, se esconde a opressão da verdade e a ocultação da injustiça. Suas consequências sobre o próximo são imediatas: perversidade, injustiça, ganância, maldade, assassinato (Rm 1,18ss). Na raiz do tráfico de pessoas está a idolatria do dinheiro (1Tm 6,10; Ef 5, 5). João Paulo II denunciava que os mecanismos perversos escondem verdadeiras formas de idolatria: dinheiro, ideologia, classe social, tecnologia (*Sollicitudo rei socialis*, 37). Os bispos reunidos em Aparecida denunciavam a idolatria do dinheiro como a primeira causa da violência (DAp, 78).

Portanto, o tráfico de pessoas e o trabalho escravo não podem ser considerados apenas um dano colateral de um sistema econômico, ou um problema político. A idolatria os converte em *questão religiosa*: “a adoração do não-adorável, e a absolutização do relativo, leva à violação do mais íntimo da pessoa humana. Eis a palavra libertadora por excelência: *ao Senhor Deus adorarás e só a Ele darás culto*” (Mt 4,10) (Puebla, 493).

Enfrentar, denunciar e combater o tráfico de pessoas é confessar a fé no verdadeiro Deus. A mensagem de Jesus é essencialmente uma mensagem de libertação: “A queda dos ídolos restitui ao homem seu campo de liberdade essencial” (Puebla, 491). Se o capitalismo fosse ateu, talvez a fé cristã não tivesse tanta força subversiva. A fé no Deus de Jesus exige confessar o ateísmo diante dos ídolos do capital (cf. Mt 6, 24; Lc 16, 13). *Estar contra os ídolos* como resposta ao *estar dos ídólatras contra Deus*. São falsos deuses não porque sejam ineficazes, mas por produzirem violência e morte. O Novo Testamento não só confessa Jesus como Senhor, mas como único Senhor: “Há muitos deuses e senhores (...) mas para nós só há um Deus (...) e um só Senhor, Jesus Cristo” (1Cor 8,6).

A ÉTICA

José não estava mais lá (Gn 37, 30).

É um problema ético antigo. O povo de Israel sentiu em sua própria carne o que era trabalhar e viver desterrado (Gn 12, 1-10; 26,1-6). A proibição do rapto e comércio de pessoas está legislado na Lei de Moisés. Na Torá, o mandamento *Não roubar* (Ex 20,15) proíbe apoderar-se de pessoas para reduzi-las à escravidão. Desse modo, visa toda e qualquer alienação da liberdade de outrem. Semelhante legislação aparece no catálogo de normas apresentadas por Javé a Moisés (Ex 21-23): “Quem cometer um rapto – quer o homem tenha sido vendido ou ainda se encontre prisioneiro em suas mãos – será morto” (Ex 21,16). Dt 24,7 é mais incisivo: todo aquele que raptar uma pessoa para tirar proveito é réu de morte.

José, filho de Jacó, aparece na Bíblia como primeira vítima do tráfico de pessoas (Gn 37,13-28)⁷. Salvo da morte por Rubem, seu irmão mais velho, pois José “é nosso irmão, nossa carne”. Era mais vantajoso vendê-lo do que matá-lo e ocultar seu sangue para abafar a justiça. Abandonado em uma cisterna, encontrado por comerciantes madianitas que logo o venderam por vinte ciclos e levado ao Egito para trabalhar como escravo. Quando o irmão mais velho volta à cisterna “José não estava mais lá. Rasgou suas vestes e voltou para seus irmãos dizendo: o menino não está mais lá! E eu, para onde irei?” (Gn 37, 30). Rubem fracassou em sua tentativa de salvar o irmão. Indigna-se ante a indiferença dos demais irmãos diante do desaparecimento do caçula. Mais tarde, os irmãos assumem sua culpa pelo ato e sua insensibilidade diante dos gritos desesperados do irmão clamando por não ser abandonado (cf. Gn 42, 21-22). A vítima tem a força de desmascarar a mentira. Ao fazê-lo, reverte os rumos da história.

Este relato bíblico revela que, na fé cristã, a partir do momento em que junto ao “eu” (Rubem) aparece um “tu” (José), dá-se a irrupção da ética. O rosto do outro, como diz Lévinas, solicita, interpela o “eu” ensimesmado. Quando o eu exclama: “quero que tua liberdade e autonomia sejam”, está descendo a gigantesca escadaria do seu castelo de vaidades.

Para um *eu* ético, *a preciosa fragilidade da pessoa* confere sentido ao ser humano e rompe a barreira do vazio e da indiferença. O outro passa a ser a condição de possibilidade para que o *eu* mereça respeito de si

⁷ WÉNIN, André. *José, ou a invenção da fraternidade. Leitura narrativa e antropológica de Gênesis 37-50*. São Paulo: Loyola, 2010.

mesmo. Deus, através da fragilidade do *outro* abre os olhos: *salvai o mísero e o indigente, arrancai-o das mãos dos iníquos... pois a injustiça abala todos os fundamentos da terra* (Sl 82,4-5).

O desejo fundamental de todo ser humano é o desejo de reconhecimento da sua liberdade. O direito absoluto é o direito de ter direitos (Hegel). O reconhecimento é a exigência ética mais profunda. Sou *ser humano* na medida em que consigo sair do meu *eu* para me tornar *humano* na acolhida do outro. Por isso, os direitos do homem são originariamente os direitos do outro humano (Paul Ricoeur).

A busca de Rubem pelo irmão-vítima é uma partida sem retorno, como a de Abraão, que sai de sua terra rumo ao desconhecido. Gritos de pessoas de carne e osso originam uma resposta ética da responsabilidade por toda a humanidade “carne da nossa carne”. Para Rubem, o rosto de José transtornado pelos seus gritos pedindo misericórdia expõe toda sua vulnerabilidade humana. Ao deixar-se afetar, Rubem quebrou sua indiferença e vaidade. José tornou-se um interlocutor que o transcendeu. O grito de José é o grito de um irmão. Carne de sua carne, por isso inviolável. A única maneira de não reconhecer alguém como *a carne de sua carne* é o assassinato. Rubem expressa o primeiro conteúdo de todo discurso ético: *não o matemos!*

Se Rubem tivesse se omitido, José teria sido assassinado. A acolhida do *ser humano* que aparece no *rosto* e no *grito* da vítima pede sua resposta ética, afeta, inquieta, desinstala. Ao responder a José, Rubem afirmou-se como humano e embarcou na viagem da procura da verdade de José: *É carne da minha carne*. O outro é prova maior da existência divina. Entretanto, nesta peregrinação da verdade, o *eu* deve abdicar de ser o centro, precisa se retirar do centro para centrar-se no outro. Ao colocar o outro no centro, descubro quem sou eu verdadeiramente. A verdade está além de Rubem, está em José. A identidade de Rubem foi revelada em José.

José se apresenta a Rubem sem nenhuma mediação e espera apenas uma resposta, nada mais. José rompe com as verdades dos irmãos. Este face a face entre os irmãos irrompe o sentido do humano. Quando isso ocorre, o eu toma consciência de sua responsabilidade. Rubem não espera reciprocidade, tem o coração tomado de gratuidade. Diante da miséria, da nudez do outro, a liberdade do *eu* se sente culpada, perde sentido. O egoísmo perde seus fundamentos: *e eu, para onde irei?* (Gn 37, 30).

A responsabilidade pelo outro devolve a liberdade perdida pelas artimanhas da vaidade narcisista. O outro se impõe acima de qualquer retórica. Assim se forma o segundo conteúdo do discurso da ética: “Sou responsável pela preciosa fragilidade do outro”. O *eu* entrega sua liberdade e autonomia na luta pela justiça: Devolver a dignidade, a liberdade e a autonomia que lhe foi usurpada.

Eis-me aqui!(Is 6, 8). Sim, sou o guardião do meu irmão! (Gn 4, 9).

Ser humano verdadeiramente consiste neste ato de responsabilidade pelos injustiçados: *aqui estou eu, eis-me aqui!* (Is 6, 8). É fácil distrair-se e perder o encontro que possibilita a escuta da voz divina do Outro, puro amor. Nesta voz há sabedoria. O falar de Deus contrasta com o silêncio dia-bólico, cúmplice da injustiça e destruidor da vida. O mesmo Deus que pergunta a Caim pelo paradeiro do irmão Abel está gritando a Rubem pela boca de José. Deus presta contas das ausências de Abel e de José: *Que fizestes?* (Gn 4, 9-10). A Palavra de Deus mantém a harmonia da criação ao perguntar por Abel, o irmão desaparecido de Caim. Não é Rubem, mas o próprio Deus a constatar que Abel não estava mais lá. Em Abel e José a ética constitui a essência da religião. A vítima ausente transcende, ultrapassa e confunde todos os discursos e teorias.

O outro não é um fenômeno mudo. E, quando fala pela sua ausência (Abel e José não estavam mais...) transcende qualquer compreensão. Nisto se anuncia sua dignidade divina. É quando a dimensão do divino implícito em toda pessoa se manifesta. A ética precede qualquer discurso, teoria ou religião. Quanto mais me aproximo, mais responsável me torno. Quanto mais próximo, maior o sentimento de responsabilidade. Esta é a grande novidade do *ethos* de Jesus. Jesus não se orientava voltando-se sobre si, ou consultando sua própria tábua de princípios – a orientação sempre procedia do Outro. Esta responsabilidade não se caracteriza por interesses próprios de alguém que espera uma retribuição da parte de um Deus. É absolutamente gratuita.

Portanto, para o cristão, a responsabilidade pelo outro se converte em imperativo ético: “amo-te como a mim mesmo”. Este “te” são todos os outros, sejam eles anônimos ou não. As vítimas desconhecidas e

anônimas do tráfico de pessoas e do trabalho escravo irrompem na consciência humana clamando por uma resposta ética e de justiça: *Sou o guardião do meu irmão!* (Gn 4, 9).

O sofrimento e humilhação das vítimas é a chave de leitura para a oração, a reflexão e a ação. Na esperança da sua libertação, a fé cristã pode convergir com a fé das vítimas. Então, na solidariedade com as vítimas, apoiando-se mutuamente na fé, abrem-se os olhos das não-vítimas para verem as coisas de outra maneira. As vítimas oferecem uma luz específica para “ver” os conteúdos da fé. O Ressuscitado aparece com as chagas do torturado e crucificado. Elas trazem a luz para que a fé possa ser compreendida adequadamente. Mais ainda: ajuda a ler o seguimento de Jesus, o Reino de Deus, o amor ao próximo, a vida da Igreja. Elas entendem melhor o que significa esperança, redenção, *vida nova, nascer de novo*.

O contexto atual exige esse testemunho de fé. Fortemente alicerçada no pólo do “eu” – no individualismo hedonista - a sociedade se caracteriza por uma radical aversão ao sofrimento, ao fracasso e à humilhação. Chegamos ao século XXI com níveis críticos de egoísmo e indiferença para com os *Abéis e Josés* ausentes. Diante de tanta indiferença, o cristão tem uma tarefa crucial: revelar ao mundo que Abel e José existem e que seu sofrimento é real! A ética cristã é essencialmente profética:

➤ *“Ai daquele que constrói seu palácio desprezando a justiça, e amontoa seus andares a despeito do direito; que obrigam os outros a trabalhar de graça, sem pagar-lhes salário (...). Só tens olhos e coração para o lucro, para derramar sangue do inocente, para agir com brutalidade e selvageria”* (Jr 22, 13.17).

➤ *“Vendem o justo por dinheiro e o indigente por um par de sandálias”* (Am 2,6).

➤ *“Lançaram sorte sobre o meu povo; deram um menino por uma meretriz, e venderam uma menina por vinho, para beberem”* (Joel 4,3).

➤ Para o profeta Ezequiel, o tráfico de escravos, praticado pelo príncipe de Tiro com as nações vizinhas (Ez 27, 12-13), era uma prática de idolatria abominável (Ez 28, 6).

Um Deus que sofre pode salvar-nos

O *ethos* cristão é mistagógico. O humano é lugar de encontro com Deus. A condição humana das vítimas é de sofrimento e de humilhação. O cristão é chamado a decidir-se diante desta realidade da mesma forma como se posiciona seu Deus, ou seja, junto do sofredor. *“Ele foi desprezado e rejeitado pelos outros... como alguém de quem os outros escondem sua face”* (Is 53,1). A rejeição sofrida por Jesus é expressão máxima de um Deus que se deixa crucificar e rejeitar com os desprezados e humilhados. É sua resposta divina à crueldade e à violência infligida contra seus filhos e filhas... Esta é a síntese de toda a Lei e dos Profetas, assumida pelo próprio Filho de Deus: *“Tudo aquilo que quereis que os homens façam a vós, fazei-o vós mesmos a eles”* (Mt 7,12; Lc 6,31).

O sofrimento das vítimas irrompe como lugar ético-teológico. O cristão confessa um Deus crucificado e solidário com todos os crucificados e torturados. A cruz exposta nos altares é o maior dos símbolos de protesto: Ali também estão os indefesos, os torturados e escravizados. É Cristo identificado e crucificado com eles (Mt 25,31-46). O amor primordial a eles é o grande sinal de incorporação ao crucificado (Jo 13,34-5).

A cruz é o lugar privilegiado para se compreender a esperança de vida, liberdade e ressurreição. Outros lugares o serão na medida em que, analogamente, reproduzirem a realidade da cruz. Com que realismo tem um povo crucificado de ser também um povo ressuscitado. A esperança da vítima é a esperança por excelência. O poder da violência não pode ser maior que o Deus da vida. A esperança da vítima não é uma esperança qualquer, mas uma esperança no poder de Deus contra a injustiça. Somente um Deus assim pode salvar e libertar (Bonhoefer). As vítimas são os principais destinatários da esperança trazida por Jesus. Solidarizar-se com seu sofrimento é lugar privilegiado de experiência de Deus que é amor: *Conhecer-me é fazer justiça ao indefeso* (cf. Jr 22,15-17).

A fé desemboca na ética da compaixão indignada e libertadora. A consciência cristã não pode sentir-se livre enquanto existirem escravos. O *ethos* cristão coloca o cristão junto com todas as vítimas do tráfico e

do trabalho escravo. O cristão está sendo vendido em cada ser humano traficado; o cristão está sendo explorado e torturado junto com cada trabalhador e trabalhadora escravizada. O cristão está sendo espoliado em cada pessoa espoliada. A violência sobre as vítimas dói em mim: amar as vítimas do tráfico como a nós mesmos (Lv 19, 33-34).

Alguém disse algo semelhante: “*Se você é capaz de tremer de indignação a cada vez que se comete uma injustiça no mundo, então somos companheiros. Acima de tudo procurem sentir no mais profundo de vocês qualquer injustiça cometida contra qualquer pessoa em qualquer parte do mundo*” (Che Guevara).

A AÇÃO DA IGREJA

Cuidar das pessoas: Missão recebida de Jesus.

O povo sofrido acorria a Jesus de todos os lugares (Mc 1, 45) porque seu modo de ser era um *eu-aggelion*. O clamor era sempre o mesmo: “tem misericórdia de nós”. Sua presença causava impacto, seu *modus vivendi* nunca passou despercebido. Cabe às suas testemunhas manter Jesus como *eu-aggelion* que impacta. Testemunhar é o significado mais profundo da evangelização. Jesus não é um conceito, mas uma realidade que deve ser reproduzida. A razão de ser e de agir da Igreja está fundamentada na missão e na pessoa de Jesus. Hoje, milhares de pessoas acorrem à Igreja com a mesma súplica: “tem misericórdia de nós”. Já o Concílio Vaticano II (1962-65) apontava para a *escravatura, a prostituição, a venda de mulheres e crianças, e as condições de trabalho indignas em que as pessoas eram tratadas como instrumentos de ganho e não como pessoas livres e responsáveis, como “infâmias” que “envenenam a sociedade humana, aviltam os seus perpetradores” e constituem “uma suprema desonra para o Criador*” (Gaudium et Spes, 27). O Compêndio de Doutrina Social da Igreja destaca que “a solene proclamação dos direitos do homem se contradiz por uma dolorosa realidade de violações, difundidas por todas as partes através de formas sempre novas de escravidão, como o tráfico de seres humanos, a prostituição” (CDSI, 158). João Paulo II dizia que o mercado de seres humanos constitui *uma ofensa chocante contra a dignidade humana e uma grave violação dos direitos humanos fundamentais*⁸. Recentemente, Bento XVI pediu que a comunidade internacional combatesse o turismo sexual, o tráfico de pessoas com este fim ou para transplantes de órgãos, e a exploração de menores⁹.

A Igreja nos convoca a resgatar dos calabouços do capitalismo a imagem viva de Deus refletida no rosto das vítimas: Eu estive preso (Mt 25, 35). É contemplar seu rosto no rosto de todo prisioneiro clamando por libertação (Mt 25, 35): “*A Igreja recebeu de Jesus a missão de cuidar do ser humano. Ao se fazer ser humano, Jesus revela o valor sagrado da pessoa. Tal missão pertence ao mais profundo de sua consciência evangélica*” (CNBB, Doc.40, 203-204). Contribuir “*com a dignificação de todos os seres humanos, juntamente com demais pessoas e instituições que trabalham pela mesma causa*” (Dap, 398) é parte da identidade eclesial.

⁸João Paulo II. Carta ao Arcebispo Jean-Louis Tauran, pela ocasião da conferência internacional “21st. Century Slavery – The Human Rights Dimension to Trafficking in Human Beings” (15 de Maio de 2002).

⁹Bento XVI. Mensagem para o VII Congresso Mundial da Pastoral do Turismo (Cancun, 23-27 de Abril de 2012).

A ação pastoral junto ao tráfico de pessoas e ao trabalho escravo é expressão visível e privilegiada do ministério da evangelização. É a expressão concreta de uma Igreja consciente da sua missão de servidora do Evangelho. Tal compromisso não pode ser uma nota de rodapé de documentos, declarações de intenções e adendos de projetos pastorais. A Igreja apoia-se no agir de Deus libertador dos prisioneiros e humilhados. Deus quer um povo livre e irmanado. O ser e agir de Jesus levou à plenitude o ser e o agir de Deus. Missão: proporcionar vida em abundância para todos (Jo 10, 10), mas principalmente aos mais pobres e abandonados (Lc 4, 14-21).

Do jeito de Jesus

O jeito de Jesus é o melhor modelo da Igreja diante das *multidões atormentadas pela perversidade* dos traficantes e dos capatazes. O jeito de Jesus destacava-se pela ação imediata e indignação profética. De um lado, Jesus trata de agir, pois ver o próximo humilhado lhe é intolerável (cf. Mt 8,14; Mc 3,1-4; Lc 13,10-13; Jo 11,35). De outro, indignação ante a indiferença e dureza de coração (cf. Mc 3,5; 10,5; Lc 13, 15-16). Na cruz, seu sofrimento não está centrado sobre si mesmo, pois ao assumir a figura do *servo sofredor* (Mt 8,17), assume a dor e a humilhação do povo como suas (Mt 11,28; 25,31-46). Se Jesus identifica-se com cada encarcerado, torturado e humilhado e nas vítimas do tráfico de pessoas, a Igreja deve ter o mesmo sentimento. O problema do tráfico não é somente um problema sociológico, é, também, eclesiológico. A Igreja é ofendida e agredida em cada vítima. É *lugar teológico*, onde o Deus de Jesus confessado pela Igreja se manifesta impotente, débil, desprezado. Deus faz do direito do oprimido seu próprio direito e causa. Para a Igreja, assim como para Jesus, nada pode ser mais valioso que a vida humana (Mt 5,23-24; 6,26-30; Mc 2,23-27; 12,33). É um problema de Deus, é um problema da Igreja, porque nas vítimas está em jogo a causa do Deus revelado em Jesus: *Eu e o Pai somos Um* (Jo 10, 30). *E tudo o que a Igreja fizer a um destes pequenos, estará fazendo a Jesus* (Mt 25, 31-46).

O compromisso da Igreja é o mesmo de Jesus: resgatar a vida e dignidade dos humilhados (Puebla, 114). Agir como Deus, defendê-los e amá-los (Puebla 1.142). Presente nos humilhados, Deus espera da Igreja uma resposta de amor (1Jo 4,19). Ela vê em cada ser humano a imagem do próprio Deus vivo. *No rosto das vítimas a Igreja identifica algo do resplendor da glória de Deus*. Cristo, o Filho de Deus, com Sua encarnação, num certo sentido, se uniu a cada mulher e homem.

O mistério pascal de Cristo - centro da liturgia da Igreja - é um mistério de libertação, que exorta e provoca continuamente a assumir a liberdade como tarefa. Karl Rahner dizia que “a Igreja deveria ser um baluarte da liberdade; ensinar, viver e proteger a dignidade e, por extensão, a inviolabilidade do indivíduo: seu caráter de pessoa, seu destino eterno, sua liberdade”¹⁰.

Todo cristão é um abolicionista

Segundo Paulo, o evangelho pode resumir-se em uma palavra: liberdade! Jesus, o grande libertador, proclamou o Evangelho da Liberdade. Sua pregação na sinagoga soa como proclamação: Nunca mais a escravidão, nunca mais o cativo! “*O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos presos e, aos cegos, a recuperação da vista; para restituir a liberdade aos oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor*” (Lc 4, 18-19).

Todo cristão é ungido no batismo para ser abolicionista como Jesus. Ungido para proclamar e defender a liberdade e levar a Boa Notícia da libertação para todas as vítimas da escravidão. É missão divina! Deve ser assumida com a consciência de que o alcance da escravidão vai além dos milhões de vítimas do tráfico e do trabalho escravo no mundo. É toda a sociedade que precisa ser libertada do jugo das estruturas de pecado enraizadas no pecado mortal da idolatria ao deus capital.

A interrupção do tráfico de seres humanos para fins escravagistas é apontada pelo livro do Apocalipse como uma das causas da queda do império romano: “Caiu, caiu Babilônia, a grande” (Ap 18,2).

¹⁰RAHNER, K. Dignidad y libertad del hombre, em: *Escritos de Teología* - vol. II, Madrid: Taurus, 278.

“Os mercadores da terra choram e se enlutam por ela, porque ninguém mais compra seus carregamentos de ouro, prata, linho e púrpura... vinho e óleo, flor de farinha e trigo, bois e ovelhas, cavalos e carros, escravos e prisioneiros” (Ap 18, 11-13). Esta esperança cristã deve acompanhar os compromissos de libertação das estruturas desumanizadoras que insistem em dominar a história da humanidade.

Os cristãos, agindo individualmente, ou coordenados em grupos, associações, organizações, pastorais e redes, devem saber propor-se como «um *grande movimento empenhado na defesa da pessoa humana e na tutela da sua dignidade*» (*Centesimus Annus*, 3). Toda ação social deve inspirar-se no princípio fundamental da centralidade da pessoa humana (*Mater et Magistra*, 453). A promoção da dignidade da pessoa, o bem mais precioso que o homem possui, é «a tarefa central e unificadora do serviço que a Igreja é chamada a prestar à humanidade» (*Gaudium et Spes*, 91).

Resgatar e acolher a imagem viva de Deus refletida no rosto dos oprimidos: Eu estive preso (Mt 25, 35). Servir as vítimas é adorar a Deus em espírito e verdade, é o verdadeiro culto espiritual de que fala Isaías. É contemplar seu rosto no rosto de todo prisioneiro clamando por libertação (Mt 25, 35). Em todo ser humano está a imagem viva de Deus esperando para ser amado e acolhido como tal, pois “Cristo é tudo e está em todos” (Cl 3, 11). No abraço da cruz se rompem as barreiras da violência (Ef 2,16).

FAZEI ISTO EM MEMÓRIA DE MIM

O combate ao trabalho escravo e ao tráfico de pessoas está contemplado e assumido de forma oficial pela Igreja no Brasil: “*O serviço à vida começa pelo respeito à dignidade da pessoa humana*” (CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE) 2011-2015*, n.107); “*Atenção especial merecem também os migrantes forçados pela busca de trabalho e moradia...; c) as vítimas do tráfico de pessoas*” (DGAE, n.111). Tamanha crueldade exige uma opção pastoral decidida e inegociável. Sua presença dolorosa e perturbadora é sacramento da presença de Deus clamando por libertação. Que a Igreja jamais *esconda sua face diante de tantos servos sofrendores* (Is 53,1) clamando por direito e justiça. A Igreja *não pode permitir que se quebre esta cana rachada e nem que se apague a mecha que ainda fume...* até que seja estabelecida a verdadeira justiça sobre a terra (Is 42, 2.4=Mt 12, 18-21). Significa muito mais do que uma ação pastoral. É um autêntico ato de religião. É fazer a *vontade do Pai assim na terra como no céu*. É profissão de fé levada às últimas consequências. É Deus, através de nós, amando e libertando as vítimas: “*amai-as como Eu as amo*” (Jo 13,34). Neste compromisso de amor, já não somos apenas nós que amamos, mas é Deus amando em nós (Jo 17,21.26), revela a divindade que habita em nós. Enfrentar o tráfico de seres humanos é assumir a “*causa de Deus*”. É *combater o bom combate* (2Tm 4,7), é ser uma *carta de Cristo* para o mundo (2 Cor 3,3), é assumir o *ministério da Justiça de Deus* (2 Cor 3,9), é ser movido pelo Espírito da liberdade, pois *onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade*. É agir em *memória de Jesus*. O corpo e o sangue de Cristo celebrado na Eucaristia nos aproximam uns dos outros (Ef 2, 13). O compromisso com as vítimas está intrinsecamente vinculado ao memorial da Páscoa de Jesus. Eucaristia é a fonte da Igreja, expressa o ser da Igreja como comunhão em torno da memória da pessoa e dos gestos libertadores de Jesus. Recordar significa agir em conformidade com a pessoa a quem se recorda. Assim, a eucaristia nos integra como membros vivos do Corpo do Senhor comungando de seu mesmo destino e missão proclamado solenemente na sinagoga de Nazaré. No seguimento de Jesus, reconhecendo sua presença nas vítimas, comungamos com seu corpo e sangue, como toda sua existência para o outro. Esta é a meta suprema da eucaristia: transformação dos comungantes no corpo de Cristo, em *pró-existências*. Toda a vida de Jesus foi um *pão partilhado e sangue derramado* para que todos tenham a vida. Onde há comungantes não pode haver omissão diante da violência e da escravidão. A comunidade que se reúne em torno da memória de Jesus comunga com Jesus. Tomar consciência dos atos de Deus na história implica viver em conformidade com eles. A eucaristia é a expressão maior do compromisso pessoal e comunitário. *Tomai e comei, tomai e bebei* são normas de vida. Deus tanto amou o mundo que enviou seu Filho Único, a fim de que “o carrasco não triunfe sobre a vítima”. A celebração da Eucaristia não permite que as vítimas dos poderes deste mundo caiam no esquecimento.

Fazer em memória de Jesus e recapitular Sua autodoação. O combate ao tráfico de seres humanos, como memória do Seu ministério libertador (Lc 4, 16), é expressão da eficácia salvadora da Eucaristia. Faz da vida um culto agradável a Deus (Hb 13, 16; Rm 12, 1).

Obs.: Conferir ainda o livro:

Tráfico de pessoas e trabalho escravo
Edições CNBB - 2012